

## *A Importância da Relação Professor – Aluno na Construção de Conhecimento*

Marcia Pires Ramos de Magalhães Gomes<sup>1</sup>  
claudiorio@uol.com.br

### Resumo

**O** estudo analisa o significado do bom relacionamento professor-aluno para a construção de conhecimento, enfatizando que cabe ao docente criar condições propiciadoras para que este se concretize no cotidiano da sala de aula. Alerta sobre a problemática que a sociedade contemporânea, prenhe de incertezas e exigências em virtude da globalização bem como do acelerado avanço da ciência e da tecnologia, vem trazendo para os sujeitos e sua conseqüente influência sobre tal relação. Apresenta contribuições da teoria psicanalítica que, se forem consideradas pelo professor, poderão vir a contribuir para estabelecimento de relação construtiva com o aluno.

**Palavras-chave**  
relação professor-aluno, construção

*de conhecimento, sociedade contemporânea, psicanálise.*

### Abstract

*This study analyzes the importance of a good relationship between teacher and students while in the process of constructing knowledge. It emphasizes that it is the teacher who must establish daily the right conditions for this relationship to develop in classroom. The study also alerts to the influence of contemporary society on people lives and on their relationships, which are affected by its uncertainties and demands, due to the globalization process as well as the accelerated progress of science and technology. Finally, the study presents some contributions of the psycho-analytical theory that, if considered by teachers, can help*

*build positive relationships between them and the students.*

### Key Words

*teacher-student relationship, construction of knowledge, contemporary society, psycho-analysis.*

*“Que quereis que eu faça dele? Ele não gosta de mim...”*  
Sócrates

**E**ssa enunciação evidencia que, já no século IV a.c., Sócrates compreendia com clareza a importância do bom relacionamento professor-aluno para a construção de conhecimento. A maiêutica, método por ele criado para conduzir seus interlocutores a uma reflexão lógica e crítica sobre determinada questão, a fim de que descobrissem por si mesmos o que previamente acreditavam conhecer, tornava imprescindível que houvesse um vín-

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro; Professora do programa de pós-graduação em educação da Universidade Católica de Petrópolis.

culo positivo entre os atores sociais envolvidos no processo. Entretanto, apesar do tempo decorrido desde

de impacto decorrente do acelerado avanço científico e tecnológico, bem como da globalização.

## ***O fenômeno da globalização interfere de modo concreto no social e individual e, portanto, no processo de interação.***

então, essa compreensão de Sócrates nem sempre tem sido entendida por aqueles que se dedicam à profissão docente.

Muito tem sido dito, debatido e escrito sobre a importância do bom relacionamento professor-aluno, porém, no cotidiano da sala de aula isto nem sempre se faz presente.

Quem é o culpado? O professor? O aluno?

Uma análise acurada da situação nos mostra que um e outro não podem ser considerados culpados mas, indubitavelmente, cabe ao professor tentar estabelecer condições que propiciem um bom clima afetivo com seus alunos.

Isso é fácil? Questionamos. Nem sempre, pois para que o docente consiga lidar com todos os fatores que se articulam em sua prática, tem que estar bem preparado, o que nos conduz a uma problemática recorrente: a formação do educador – que, para alcançar os resultados pretendidos, nunca pode ser dada como concluída. Temos que estar sempre em formação!

Aqui jaz um problema bastante complexo, principalmente quando nos reportamos ao mundo contemporâneo que vem sofrendo gran-

Apesar dos benefícios inegáveis que esse avanço trouxe à humanidade provocou também um certo 'estado de choque'.

Para Levy (1999):  
“Na época atual a técnica é uma das dimensões fundamentais onde está em jogo a transformação do mundo humano. A incidência cada vez mais pregnante das realidades tecno-econômicas sobre todos os aspectos da vida social, e também os deslocamentos menos visíveis que ocorrem na esfera intelectual obrigam-nos a reconhecer a técnica como um dos mais importantes temas filosóficos e políticos de nossos tempos.” (p.7).

O fenômeno da globalização interfere de modo concreto no social e individual e, portanto, no processo de interação.

A relação que se estabelece entre o progresso técnico, a internacionalização do capitalismo e o momento histórico que vivemos nos dias atuais, pode ser interpretada como de crise que apresenta características duradouras.

A veiculação da informação através da mídia, indispensável à

globalização, não se constitui somente em narrativa do que ocorre, uma vez que pode ser manipulada e, desta forma, confunde mais do que esclarece. Isso torna-se mais grave no momento presente, onde a informação é um dado essencial e imprescindível (Santos, 2000).

O homem pós-moderno vem sofrendo as conseqüências das alterações que vêm ocorrendo nas relações sociais, em virtude da velocidade que a elas é imprimida. Há inclusive temor da robotização do humano com a perda dos valores humanos tradicionais.

A cultura virtual dos jogos eletrônicos, da linguagem fragmentada e dos videoclips funciona como uma droga que substitui o encontro com o outro e, conseqüentemente, elimina a ansiedade da separação. Mesmo permanentemente conectado à rede, o homem contemporâneo sofre de imensa solidão. O mundo virtual interfere na emoção, no pensamento e substitui a reflexão.

Vem ocorrendo a diluição do que distingue o sujeito e o objeto de conhecimento, uma vez que nosso pensamento está sendo moldado por dispositivos materiais, fazendo com que instituições e máquinas se entrelacem no âmago do sujeito (Levy e Labrosse, 2000).

Que conseqüências esse processo vem trazendo para o sujeito?

Acreditamos que o transforma em um 'ser em confusão', provocando a construção de egos frágeis e dependentes do investimento

no outro. Se verifica uma adesão acrítica a idéias, projetos e valores impostos pelos países hegemônicos em decorrência da globalização.

Acontece uma mutação sociológica global que vem provocando um processo de personalização que rompe com a ordenação, disciplina e austeridade do mundo moderno. Disso decorre uma sociedade onde o valor máximo é a liberdade sem coação, viver no aqui e agora, liberdade sexual, rebaixamento de hierarquias, legitimação de valores hedonistas e narcisistas. Emerge um sentimento de incerteza em relação ao mundo. (Lipovestky, 1983).

Tudo é possível, tudo é permitido, aumentando, portanto, a tolerância aos impulsos destrutivos.

O racional vem sendo desprestigiado a não ser que esteja a serviço de exigências específicas, com destaque para a competitividade.

Uma vez que o professor e o aluno estão imersos nesse contexto, como poderá o primeiro ter condições de assegurar ao segundo uma formação que o capacite a lidar com essa profusão de dificuldades e expectativas?

***O professor sempre é um modelo de identificação para seus alunos pois, depois da família, é a escola o principal locus de aprendizagem relacional no âmbito social.***

Bacha (2002) mostra compreender esse fato ao comentar que "perdida como arte de formar a educação ter-se-ia tornado entre nós técnica de adaptar com preten-

sões à ciência, tendo no mercado sua única ambição" (p.13).

Esclarece, a seguir, a autora que isso:

*"É o que sugerem nossas instituições formadoras, substituindo com mestria a formação artesanal de homens, pela produção em série de técnicos. Os seres maquímicos resultantes dessa produção/formação são como eletrodomésticos, inseparáveis dos seus manuais de funcionamento: "como pesquisar", "como ensinar" (...) máquinas, além de apenas se prestarem ao uso de outrem, não são divididas por um inconsciente" (p.13).*

Ah! O inconsciente, tão sabiamente trazido à luz por Freud há mais de um século e até hoje visto com desconfiança por alguns a quem é delegada a tarefa de formar.

Hoje as máquinas funcionam quase como já previa a ficção no filme "2001 – Uma Odisséia no espaço". As pessoas agem quase como máquinas, aparentemente ignorando a existência do desejo,

que nos exige o cumprimento de regras emocionais.

Podemos mesmo afirmar que existe realmente uma espécie de lógica das emoções humanas, bem

diferente da que usamos para explicar os motivos de nossas ações. A instância de onde provêm as regras limitantes é o inconsciente.

Mas como entender as manifestações do inconsciente uma vez que se constitui em estrutura psíquica que faz com que os sentimentos não sejam expressos em linguagem direta, mas que se manifestem através de comunicação que se cala ou disfarça seus verdadeiros motivos?

Pensamos que através do acesso às contribuições que a teoria psicanalítica trouxe à tona é que o professor teria melhores condições para tentar lidar com as formas por meio das quais o inconsciente se expressa. Não apenas o de seus alunos mas, principalmente, o seu.

*"O educador age não somente por aquilo que ele diz e faz, mas, mais por aquilo que ele é. E pelo que é tanto no plano consciente como, no inconsciente: ou seja, segundo o grau de maturidade afetiva e de domínio internos" (Mauco, 1967).*

O professor sempre é um modelo de identificação para seus alunos pois, depois da família, é a escola o principal locus de aprendizagem relacional no âmbito social.

Podemos afirmar que em pelo menos um aspecto o ambiente escolar tem maior influência que o do lar na medida em que a vida familiar, geralmente, segue padrões fixos aos quais a criança se acostuma. A escola apresenta novos professores, colegas, tarefas intelectuais e de-

## ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

mandas sociais que requerem permanente capacidade de adaptação por parte da criança. Quanto mais novo for o aluno maior probabilidade terá o professor de interferir na sua formação, no modo

*quem orienta, quem trata, quem forma, enfim, quem expõe e se expõe, a explorar a dimensão imaginária dos processos cognitivos aprimorados em suas experiências.*

fessor torna-se depositário de algo que pertence ao aluno. Daí deriva o seu poder sobre ele. A transferência, como afirma Freud, é inconsciente, entretanto tudo que o aluno deposita é uma construção consciente.

Enfatiza Freud que só será bom educador aquele que conseguir estar em paz com a criança que vive dentro dele, e que o ato de aprender sempre supõe uma relação com outra pessoa, a que ensina. O aprender é aprender com alguém.

Apesar de identificar a educação como uma profissão impossível, Freud contribuiu substancialmente para o seu entendimento em sua obra.

Uma tentativa de lidar com a problemática que o professor enfrenta em sua ação docente seria prepará-lo, desde o início de sua formação, para entender que tanto suas atitudes quanto as de seus alunos, muitas vezes, são movidas por motivações inconscientes e exigirão bastante esforço de sua parte para tentar revertê-las.

Não é fácil para o professor resistir à tentação de abandonar a segurança que um vínculo definido verticalmente oferece, a tranquilidade sentida em uma aula preparada em todos os seus detalhes, de modo a impedir mudança de rumo, a imposição de seu pensamento sem espaço para a discordância bem como a comodidade que é conseguida através do "pedestal" em que se coloca e ainda a gratificação narcisista oriunda da suposição de que seus alunos mantêm a expectativa de sua onissapiência (Bohoslavsky, 1989).

Como podemos ver são inúmeras as dificuldades que o professor enfrenta para desenvolver com

seus alunos um relacionamento que contribua para conduzi-los à autonomia. O máximo que podemos esperar é que o professor não se prenda a um rigor excessivo, mas que mantenha sua autoridade oriunda de sua competência, gene-

rosidade, segurança, disponibilidade e amor por seus alunos. Dessa forma esses terão condições de desenvolver sua criatividade e espírito crítico, que lhes permitirão enfrentar os desafios e exigências do mundo contemporâneo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHA, M. N. A arte de formar. O feminino, o infantil e o epistemológico. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOHOSLAVSKY, R. A Psicopatologia do vínculo Professor-aluno: o professor como agente socializador. In Patto, M. H. S. Introdução à Psicologia Escolar. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989, p.320-341.

KORZAK, J. Como amar uma criança. Rio do Janeiro, Paz e Terra, 1983.

KUPFER, M. C. Freud e a Educação: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1989.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, I. Vocabulário de Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LEVY, P. As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

LEVY, P. & LABROSSE, D. O fogo libertador. São Paulo: Iluminuras, 2000.

LIPOVESTKY, G. A era da Razão. Lisboa: Relógio D'água, 1983.

MAUCO, G. Psicanálise e Educação. Lisboa: Moraes Editores, 1967.

SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.